

SEMIÓTICA DOS SÍTIOS CERÂMICOS DA REGIÃO DO CARIRI OCIDENTAL, PB.

Carlos Xavier de Azevedo Netto
Conrad Rodrigues Rosa
Pablo Gomes de Miranda

RESUMO

A partir das evidências cerâmicas encontradas em três sítios arqueológicos da região do Cariri Ocidental e seu entorno, no Estado da Paraíba, procura-se verificar o grau de especialização e refinamento que seus espaços de ocorrência assumem. Os três sítios abordados possuem características ocupacionais distintas, mas com os artefatos cerâmicos muito semelhantes, em uma análise macroscópica. Para essa discussão recorreu-se à teoria de Peirce, já que se consideram os atributos constituidores dos artefatos como signos das condutas de sua produção e valoração. O primeiro deles, localizado no Município de Queimadas, denominado de Pedra do Parafuso, trata-se de um pequeno abrigo, próximo a outro sítio com indicação de ocorrência de sepultamentos e arte rupestre (Sítio Loca), com a evidência de material lítico e cerâmico em superfície. O segundo sítio, denominado de Várzea Grande II, localizado no Município de São João do Tigre, possui evidências de grafismos rupestres, associadas à Tradição Nordeste, provavelmente à Subtradição Seridó, com fragmentos cerâmicos em superfície. E o terceiro é o sítio Barra, no Município de Camalaú, que é um sítio cemitério com cerâmica associada. No acervo dos três sítios, foi possível observar, pelas espessuras dos vasilhames, pelas dimensões dos grãos de tempero e pelos temperos utilizados, que o material cerâmico possui tratamento diferenciado de acordo com cada função de sítio. O material do sítio cemitério apresenta elaboração mais acurada que os demais, em função da delicadeza de seus fragmentos no tocante a sua espessura, dimensões dos grãos e seletividade do tempero. Já o sítio Várzea Grande II, observando os mesmos atributos dos artefatos, apresenta menor cuidado na sua elaboração. E o sítio Pedra do Parafuso é o que apresenta menor grau de elaboração de sua cerâmica, como foi evidenciado nas análises dos atributos considerados.

265

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia cerâmica, Semiótica, Cariri Ocidental

ABSTRACT

Based on ceramics evidences found in three archaeological sites on Cariri West Region and its surroundings, in Paraíba State, we tried to ascertain the specialization and refinement degree assumed in their places of occurrence. The three sites discussed have distinctive occupational characteristics, but with ceramic artifacts very similar, in a macroscopic analysis. For this discussion would have appealed to the Theory of Peirce, as it is considered

that the attributes of artifacts are constituted as signs of the conduct of its production and valuation. The first one, located in the city of Queimadas, called the Pedra do Parafuso (is a little shelter, next to another site, where there is indication on the occurrence of burials and rock art, with evidence of ceramic and stone materials on the surface. The second site, called Várzea Grande II, located in São João do Tigre, has evidence of rock art associated to the Northeast Tradition, probably the Seridó Sub tradition with ceramic fragments on the surface. And the third one is the Barra Site, in the city of Camalaú, which is a cemetery site, associated with pottery. In the collection of the three sites it was observed through the thickness of the containers, size of spice grains and seasonings used that ceramic material has different treatment according to each site function, where the material used on cemeteries site presents a more accurate preparation than the others, due to the delicacy of its fragments in terms of its thickness, grain size and selectivity of seasoning. The Várzea Grande II site, when observing the same attributes of the artifacts, it is noticed less care in its preparation. And Pedra do Parafuso is the one with lower degree of elaboration in ceramics preparation, as evidenced in the analysis of attributes considered.

KEY-WORDS: Pottery Technologies, Semiotics, West Cariri

INTRODUÇÃO

Nos compêndios tradicionais de arqueologia, é postulado que seu objeto de estudo são os artefatos produzidos e utilizados pelo homem em um passado, próximo ou remoto, como Dunnell (2007) que afirma ser a arqueologia a ciência dos objetos, como forma de resultados da ação dos grupos humanos. Com isso, o arqueólogo, ao se deparar com os restos das atividades humanas no passado, pode inferir como esses grupos se comportavam, que tipo de relação estabeleciam entre si e com o ambiente. Essa forma de abordar os fenômenos arqueológicos tem como fundo uma postura semiótica dos fenômenos culturais (GEERTZ, 1978).

Embora a relação entre arqueologia e semiótica esteja tradicionalmente voltada para o estudo dos signos rupestres, esta pode materializar-se de forma mais ampla, como foi indicado por Preucel (2006). A utilização da teoria semiótica volta-se, para o caso da arqueologia como um todo, como a forma de construção de significados dos conjuntos de atributos observados e relacionados nos contextos arqueológicos. No caso dos artefatos cerâmicos, os atributos detectados nas análises arqueológicas permitem o estabelecimento de todo o processo de confecção dos artefatos desta natureza, sendo que, tradicionalmente, haveria uma valorização dos atributos formais/estéticos (forma da borda, lábio, fundo, bojo, decorações e etc.) aos estruturais (espessura, dimensão dos grãos, tipo de antiplástico), como pode ser observado em Oliveira; Luna; Oliveira (1991). Essa prevalência tem como fundo a maior visibilidade, no decorrer das análises, dos atributos formais. Por isso, neste trabalho, o foco principal de análise e interpretação serão os atributos estruturais, conforme a justificativa que será exposta adiante.

Assim, o presente trabalho pretende realizar uma leitura semiótica dos fragmentos cerâmicos encontrados em três sítios de funções distintas, no semiárido paraibano, como forma, inicial, de inferência de comportamentos culturais, sujeita a futuras confirmações ou refutações. Como alguns atributos encontrados na cerâmica tem variabilidade não controlada, em função de fatores de conservação dos sítios arqueológicos ou mesmo relacionados à habilidade e situação do artesão no seu processo de fabrico, optou-se por limitar os atributos considerados na análise àqueles que sofreriam menor influência das variáveis não controláveis da confecção dos vasilhames, os atributos estruturais. Essas análises serão confrontadas com as inferências funcionais atribuídas aos sítios em questão com o intuito de verificar se o grau de requinte da confecção da cerâmica está diretamente relacionado à função simbólica do sítio.

SEMIÓTICA E O REGISTRO ARQUEOLÓGICO

O registro arqueológico, no sentido de estarem no lugar de comportamentos de uma cultura e imbuídos de aspectos simbólicos, **são estruturas semióticas** de acordo com Geertz (1978), por isso mesmo, compostos de signos. Estes signos formam estruturas delimitadas e bastante diversificadas, variando de acordo com cada cultura. Embora algumas correntes teóricas tenham tentado reconhecer o significado dessas representações cotidianas, chegando a uma aproximação linguística do fenômeno (LEROI-GOURHAN, 1983, 1985) ou mesmo de “leitura” desses registros (HODDER, 1994) – a simples relação entre significante e significado, o que se pressupõe em certos aportes teóricos – provou-se não dar conta do fenômeno em sua totalidade. Na busca da fuga da relação simplista do signo e seu significado, foi encontrada a teoria Semiótica de Peirce (1977), como um caminho que possibilitaria abordar a entidade signo de modo mais completo. Optou-se então por utilizar esta teoria como embasamento teórico/analítico para o presente estudo.

268

A relação entre a teoria semiótica e a arqueologia é função da relação que esta última mantém com seu objeto como fruto da cultura produzida pelo homem no passado. Entende-se que a cultura possui uma natureza semiótica, tal como discutido por Geertz (1978), já que seria composta por uma teia de significados. A partir desta relação, esta forma de registro e/ou representação, seria entendida como um sistema fechado que seria mediado e interpretado pelos diversos marcos conceituais, tanto da cultura produtora como da cultura observadora, em qualquer momento, em que objeto representado, autor e obra mesclam-se em uma única entidade: o signo. Essa mescla se dá de forma intencional ou acidental, fruto da dinâmica cotidiana dos grupos culturais detentores de um determinado conjunto de objetos, como nos mostra Webmoor (2005).

A aproximação se dá, inicialmente, com o surgimento do Pós-processualismo, que vem da teorização do contexto arqueológico como um texto, que de acordo com Preucel (2006) advêm dos pressupostos desconstrutores do texto e da escrita de Derrida (2001) e na ação social direcionada ao discurso de Nora (1976). Com isso Hodder (1994) propõe considerar o registro arqueológico como um texto a ser lido, já que os produtos da ação humana, os objetos, somente possuem significado em sua relação com os demais elementos do contexto arqueológico. E como esse contexto está composto de representações de ações humanas, que têm sua dinâmica e ações próprias na composição do contexto arqueológico, recorreu-se a Olsen (2003) quando este propõe que o entendimento do contexto arqueológico vá além do texto, em uma abordagem simétrica entre a ação humana e seu reflexo nas ações dos objetos.

A relação estabelecida com os objetos observados no contexto arqueológico se dá por meio da potencia de representação, de ações e modos de vida, que esses objetos possuem. Mas

essa representação não de dá de forma individualizada nos objetos, mas por categorias de objetos, o que demanda a construção de unidades de comparação, a noção de tipo. Como já foi dito, o aporte tipológico, utilizado em larga escala no Brasil, mostra a preocupação dos arqueólogos brasileiros em não estabelecer **significados** ou **traduções** para as os artefatos produzidos e observados nos sítios, mas sim em estabelecer as identidades dos padrões culturais que influenciaram a concretização dos contextos particulares. Esta linha teórico-metodológica é baseada na noção de *tipo*, para a qual, nas representações rupestres, as figuras são tidas como resultado de padrões culturais passíveis de mudança, surgindo daí o conceito de sinal-ação. Reconhece-se então que os **signos-tipo**, ou simplesmente signos rupestres, são signos apresentando o seu primeiro arranjo e iniciadores de um processo de **semiose ilimitada** (ECO, 1980), em qualquer nível de interpretante.

Neste ponto, fazem-se necessários os questionamentos acerca das noções de espacialidade utilizadas tradicionalmente na arqueologia, como as elaboradas tanto por Leroi-Gourhan (1983, 1985) como por Deleuze & Guatari (1980), embora esta última apresente uma maior abertura para a inclusão de diversos fenômenos, como demonstrou Azevedo Netto (1992). A própria construção do espaço, no cotidiano dos grupos humanos, já seria um evento semiótico, onde seria o elo entre os signos expressos pelos artefatos dispostos no assentamento arqueológico, como foi discutido por Azevedo Netto (2000).

269

Entendendo-se Semiótica como a teoria que tenta dar conta do universo simbólico humano e não como uma abordagem ligada à linguística, de modo independente, pode-se buscar compreender as relações que os signos (entidades representativas) estabelecem entre si e qual a lógica que perpassa por estas relações. Por isto a semiótica presta-se como marco teórico que promove o norteamento das abordagens das manifestações arqueológicas em que o significado dos objetos estão nas suas confecções e usos, ou signos. A moderna concepção dos estudos arqueológicos, advindos da perspectiva simétrica (LATOUR, 1994 e WEBMOOR, 2005), é dirigida ao entendimento de seus aspectos espaciais e interacionais, entre humanos e objetos, sem descartar as suas morfologias, as dinâmicas de suas estéticas e suas semioses, vendo-se nestas últimas uma forma de ordenação imposta por cada cultura ao caos do mundo real.

Esse tipo de relação homem X objeto é mais flagrante no caso da arqueologia, dado que os significados nunca são dados pelo próprio objeto. O objeto arqueológico não enuncia diretamente seu significado, mas sim se desdobra em dados que podem ser coletados pelo pesquisador e que dão condições ao arqueólogo de construir um significado, quando este se aproxima e interage com seu objeto (WITMOORE, 2006). Essa construção não é feita de modo aleatório, mas balisada através do embasamento teórico, o qual tem um importante papel a antropologia. Nisto, a noção aqui utilizada de significado é aquela que o entende como uma construção, não como algo em si.

Embora não apresentem uma intencionalidade comunicacional, os registros arqueológicos passam a apresentá-la na medida em que há a possibilidade de inferência de significados culturais dos objetos utilizados e deixados pelo homem, aceitando-se para este a definição de animal simbólico (CASSIRER, 1977). Esta comunicabilidade estaria inscrita dentro do contexto sociocultural tanto do grupo que produziu as manifestações, bem como dentro do contexto daquele que constrói os significados a partir das evidências materiais (o arqueólogo), assumindo o conceito de repertório, já definido por Coelho Netto (1989). Este universo simbólico obedeceria a uma estruturação lógica coerente e particularizada para cada contexto cultural aos quais pertenceriam os signos, instituindo assim uma ordenação na utilização desses mesmos signos, opinião partilhada por Prous (1989), no caso da arte rupestre.

270

Neste contexto, a teoria semiótica de Peirce (1977) se apresenta como base ao nível da fundamentação teórica, já que a natureza do trabalho do arqueólogo, em si, não é outra senão semiótica. E por quê? Porque os remanescentes da cultura material, que caracterizam seu objeto de estudo, são tratados e reconhecidos como signos do comportamento humano no passado. Destes signos e suas associações, o pesquisador procura reconstituir os diferentes comportamentos culturais. Estes significados, sendo construções feitas pelo arqueólogo, não se restringem a uma única relação obrigatória entre artefato e significado. E esta construção só se dá pelo processo de semiose ilimitada, ligado intimamente ao processo de significação para um interpretante em que

A fertilidade desta categoria deve-se ao fato que ela nos mostra como a significação (e a comunicação), por meio de deslocamentos contínuos, que referem um signo a outros signos ou à outras cadeias de signos, circunscreve as unidades culturais de modo assintético, sem conseguir jamais tocá-las diretamente, mas tornando-as acessíveis através de outras unidades culturais. Desse modo uma unidade cultural nunca precisa ser substituída por algo que não seja uma unidade semiótica, sem exigir, no entanto, que seja resolvida numa entidade platônica ou numa realidade física. A semiose explica-se por si só. Esta contínua circularidade é a condição normal da significação, e é por isto que permite o uso comunicativo dos signos para se referir as coisas (ECO,1980, p. 60).

Concluindo, o arqueólogo, enquanto observador dos signos da cultura material, assume o caráter de interpretante no processo de significação. Ao se deparar com os painéis de arte rupestre e observar os seus signos, desencadeia um processo associativo em que começa correlacionando estes signos entre si e com outros signos que fazem parte de seu estoque teórico. Nesta semiose ilimitada é que se inscreve o significado dos signos rupestres, suas associações, contornos, apresentações e variações. A partir daí, pode-se dizer que o

significado das figuras rupestres é formado na consciência de seu observador, a partir da apreensão das diferentes características dos signos rupestres, inseridos em seus painéis, e a correlação dos diferentes signos produzidos por esta apreensão, com outros já conhecidos, em um constante *devir*, em uma constante construção.

A REGIÃO DO CARIRI OCIDENTAL

Para delimitação da área de pesquisa arqueológica, algumas considerações preliminares devem ser colocadas e deve-se ter em conta que:

Para o estabelecimento de uma área arqueológica, que deverá ser pesquisada durante anos, parte-se, teoricamente, do estudo geomorfológico prévio de uma determinada microrregião que seja adequada para se iniciar a pesquisa arqueológica, e, em seguida, realizam-se prospecções extensivas nessa área escolhida. Não poucas vezes o achado é casual ou a notícia chegou através de um leigo que se interessava pela arqueologia da sua região, o que obriga a procura de maiores informações para o posterior estabelecimento da área arqueológica (MARTIN, 1997: 89).

O recorte espacial adotado neste trabalho está baseado na divisão geográfica oficial, estabelecida pelo IBGE, que coloca o estado da Paraíba dividido em quatro grandes mesoregiões, denominadas Mata Paraibana, Agreste, Borborema e Sertão, e elas, por sua vez, se mostram distribuídas em vinte e uma microrregiões (COSTA, 2003: p. 53). Dentre estas microrregiões se encontra o Cariri, considerada uma das áreas mais secas do Brasil, localizado na Mesorregião da Borborema, no trópico semiárido do Estado da Paraíba. Sua distribuição política e ocupação etno-histórica podem ser visualizadas no próximo mapa.

cobertas pela vegetação nativa que se apresenta, historicamente, como a vegetação mais rarefeita do semiárido paraibano. Ela guarda um clima seco com umidade relativa do ar quase sempre abaixo de 65% e com altas temperaturas durante o dia, decrescendo com o cair da tarde, mesmo nos dias de verão.

O rigor climático presente na região proporciona uma vegetação típica, classificada como caatinga hiperxerófila, distribuída em solo de baixa profundidade e bastante pedregoso. Essa tipologia de vegetação foi classificada pelo IBGE (1992) como Savana-Estépica Arborizada. O semiárido paraibano não se mostra uniforme, pois existem certas diferenciações entre as sub-regiões que apresentam a mesma classificação climática, mas aspectos pluviométricos, geológicos, térmicos, vegetação e solos distintos.

A região semiárida nordestina apresenta particularidades únicas do ponto de vista climático, pois são encontrados, em alguns locais, verdadeiros oásis dentro de toda a extensão árida. Locais que, mesmo suscetíveis à seca periódica, possuem rios e riachos intermitentes, com a vegetação adaptada à região.

Em decorrência do baixo índice pluviométrico, os ambientes paisagísticos contidos nessas áreas apresentam condições bioclimáticas desfavoráveis, que determinam, juntamente com outros fatores, certa fragilidade ambiental no que diz respeito à dinâmica da paisagem, sendo então considerada como uma região subdesértica. Não obstante, a vegetação e animais endêmicos, ou seja, nativos, apenas encontrados nesta região, possuem artifícios de convivência com este ecossistema, o que facilita sua sobrevivência, diferente dos seres humanos, que dependem do solo e da vegetação para sobreviver.

Em função da ocupação desordenada, os danos causados ao meio ambiente demonstram um sério risco à preservação e conservação dos sítios arqueológicos, especialmente aqueles que contêm arte rupestre. Isso porque

Os problemas de desertificação e de alteração da paisagem da região exigem a participação das autoridades competentes para regular as ações predatórias do ambiente. A necessidade de se compartilhar a produtividade com a preservação ambiental é prioritária ao se implantar um programa de preservação do Patrimônio (PESSIS; MARTIN, 2002: 204).

Em tal perspectiva, a situação ambiental existente nessas áreas leva a uma limitação de sua exploração econômica. Considerando a fragilidade do sistema ambiental do semiárido, onde sua cobertura vegetal, caracterizada como caatinga, possui uma sensibilidade muito grande em função dos poucos recursos hídricos e de solos de que a região é dotada. Esse contexto leva a uma precariedade de fixação de população bem como de condições de

produção e fluxos de recursos materiais para melhoria do nível de vida das populações que ali se encontram.

EXEMPLOS DE SÍTIOS CERÂMICOS DO CARIRI

Para o presente artigo foram considerados três tipos de sítios arqueológicos localizados na região do Cariri Ocidental. O primeiro é o sítio Pedra do Parafuso, no Município de Queimadas, trata-se de um sítio em abrigo sob rocha de pequenas dimensões, próximo a um sítio com vestígios de pinturas, onde há notícias de possíveis sepultamentos removidos pela população local. O segundo sítio é o sítio Várzea Grande II, no Município de São João do Tigre, cujo material cerâmico, achado em superfície, pode estar associado aos grafismos pintados do sítio. E o terceiro sítio é um cemitério, denominado de Barra, localizado no Município de Camalaú.

O acesso ao sítio Pedra do Parafuso é pela BR 104, a meia encosta de uma serra. A orientação do sítio é Sudoeste e tem como coordenadas S 7° 21' 29,3" e W 35° 53' 53,2". A vegetação é típica do Cariri paraibano com o acréscimo de árvores mais frondosas, com copas mais altas e a presença do vegetal coco catolé. A subida é íngreme, por se tratar de um imenso afloramento em granito, e o acesso não muito difícil, por isso há presença antrópica no local. Suas medidas são de 12 metros de largura e 6,22 metros de profundidade.

274

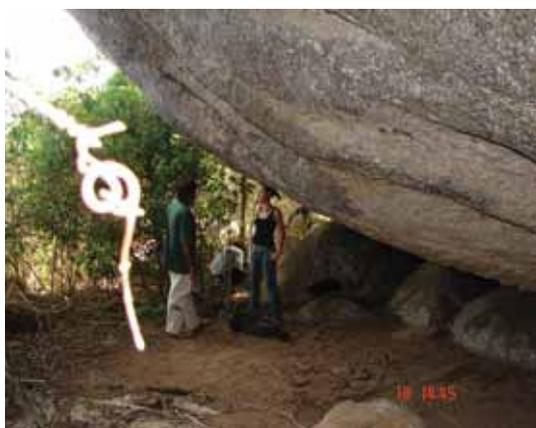


Figura 2: Vista geral do abrigo Pedra do Parafuso



Figura 3: Detalhe do abrigo Pedra do Parafuso

Na área deste sítio foi possível recuperar alguns artefatos líticos e cerâmicos dispostos em superfície. Quanto ao material do sítio Pedra do Parafuso, este é exclusivamente cerâmico e lítico, já que o mesmo não apresenta qualquer evidência da arte rupestre. O material lítico

deste sítio é composto por quatro fragmentos (75% são em quartzo e 25% em granito), essas percentagens correspondem às lascas e ao raspador. Foi possível recolher alguns exemplares de corantes neste sítio. O material cerâmico encontrado pode ser descrito na tabela abaixo:

Tabela 1
Análise da cerâmica do sítio Pedra do Parafuso

Fragmento	Atributo			
	Manuf.	Antiplástico	Dimen ³	Espes ³
1	Acord.	Areia, hematita, cinza	2,35	9,65
2	Acord.	Areia, hematita, feldspato, cinza	5,45	14,75
3	Acord.	Areia, hematita, cinza	3,85	14,05
4	Acord.	Areia, hematita, feldspato	2,85	7,45
5	Acord.	Areia, Feldspato	3,85	15,65
6	Acord.	Areia, Feldspato	3,35	9,45
7	Acord.	Areia, hematita, feldspato	2,40	15,95
8	Acord.	Areia, hematita, feldspato	3,55	6,55
9	Acord.	Areia	6,35	9,95
10	Acord.	Areia, feldspato	3,40	14,20

275



Figura 4: Material encontrado no sítio

O sítio Várzea Grande II se encontra em local de fácil acesso, a cerca de 100 m de distância do Sítio Várzea Grande I, na beira da estrada. Este sítio possui pinturas com características

de grafismos puros e de reconhecimento (antropomorfos), com altura de 1,70 m e uma largura de 2,67 m e orientação Nordeste, sob as coordenadas de 08° 06' 6,1" S e 36° 42' 36,9" W. Associados à arte rupestre, foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos em superfície, sendo somente esse tipo de artefato encontrado. A caracterização desses vestígios pode ser observada na tabela a seguir.

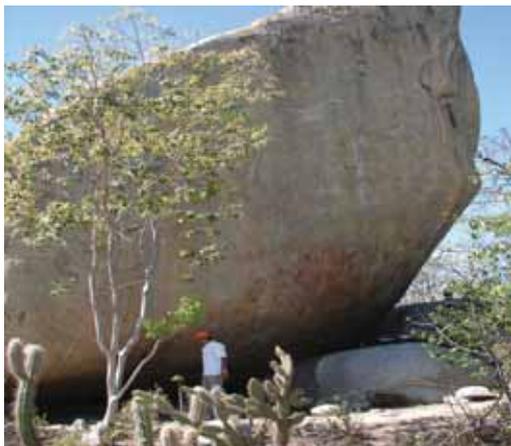


Figura 5: Vista Geral do sítio



Figura 6: Detalhes dos grafismos rupestres



Figuras 7 e 8: Exemplos de Fragmentos cerâmicos encontrados no sítio

Tabela 2
Análise da cerâmica do sítio Várzea Grande II

Fragmento	Atributo			
	Manufatura	Temp.	Dim.	Esp.
01	Acordelada	Areia, Carvão, Hematita	3,9 mm	7,8 mm
02	Acordelada	Areia, Carvão	2,45 mm	4,9 mm
03	Acordelada	Areia, Carvão	2,55 mm	8,7 mm
04	Acordelada	Areia, Carvão	3,3 mm	7,5 mm
05	Acordelada	Areia	2,6 mm	5,35 mm
06	Acordelada	Areia	3 mm	5,3 mm
07	Acordelada	Areia, Carvão	6,85 mm	10,1 mm
08	Acordelada	AreiaFeldspato	7,3 mm	7,4 mm
09	Acordelada	Areia	4,7 mm	7 mm
10	Acordelada	Areia, Feldspato	1,9 mm	6,85 mm
11	Acordelada	Areia	2 mm	8 mm

277

O sítio Barra configura-se como um abrigo sob rocha, originário do rebatimento de afloramentos da rocha matriz sobre outros, que foram desgastados e desmoronaram, no alto de uma pequena serra que se situa no topo da vertente direita do Rio Paraíba. As dimensões do salão principal são: 9,0 metros de comprimento, 2,5 metros de largura e 1,93 metros de altura. As suas evidências são compostas por restos humanos diretos, material ósseo e dermatológico, bem como cinzas e ossos calcinados; e indiretos, como cerâmica, lítico, ósseo, cestarias e cordoamentos. Suas coordenadas são: 7°52'22" e 36°52'12,5". Os restos diretos se encontram acondicionados para análises antropométricas e tafonômicas a serem realizadas na Universidade Federal de Sergipe, que conta com laboratório especializado.

O sítio configura-se como um túnel de vento, com rajadas de 7 m/s, onde a umidade é retirada, proporcionando condições excepcionais de preservação, tanto que foi possível observar além da preservação de cabelos, a de cestaria, cordoamentos e fragmentos de pele ainda colados aos ossos. Foi realizada uma análise do sedimento do sítio, que possui uma granulometria muito fina, e comparou-se com a composição mineral da rocha que o cobre. Nesta comparação foi verificado que o sedimento tem origem na rocha de formação do sítio. Essa situação nos leva a crer que esse sítio possuiu diferentes rituais de sepultamento, com áreas onde ocorrem vestígios de cremação (entre os cortes AVI/BVI e AVII/BVII, conforme o plano de escavação abaixo) e na maioria de sua área leva a inferir

que o ritual de sepultamento consistia na deposição do corpo sobre o sedimento, sobre e/ou sob um trançado de palha, inclusive sobre as rochas de entorno do salão principal, como pode ser visto no croqui da distribuição espacial dos vestígios, abaixo.



Figura 9: Vista geral da área de escavação



Figura 10: Material ósseo com cordões, totalmente exumado



Figura 11: Exemplo de cestaria encontrada nos sepultamentos

Tabela 3
Análise da cerâmica do sítio Barra

Fragmento	Atributos				
	Manuf.	Queima	Temp.	Dim.	Esp.
PB-CL-SB AII 01	Acord	oxidante	Areia	1,5 mm	8,3 mm
PB-CL-SB AII 02	Acord	oxidante	Areia	1,4 mm	5,5 mm
PB-CL-SB AIV 01	Acord	oxidante	Areia	2,15 mm	5,1 mm
PB-CL-SB AIV 02	Acord	oxidante	Areia, Carvão	1,25 mm	6,15 mm
PB-CL-SB AVI 01	Acord	oxidante	Areia	1,4 mm	6,25 mm
PB-CL-SB AVI 02	Acord	oxidante	Areia	1,9 mm	5,3 mm
PB-CL-SB AVI 03	Acord	oxidante	Areia, Felds.	2,7 mm	5,9 mm
PB-CL-SB AVI 04	Acord	oxidante	Areia	2,7 mm	5 mm
PB-CL-SB AVI 05	Acord	oxidante	Areia	1,3 mm	5,6 mm
PB-CL-SB AVI 06	Acord	oxidante	Areia	4,7 mm	8,35 mm
PB-CL-SB AVII 01	Acord	oxidante	Areia	1,1 mm	8,1 mm
PB-CL-SB AVII 02	Acord	oxidante	Areia, Carvão	1 mm	9,5 mm
PB-CL-SB AVII 03	Acord	oxidante	Areia	1,5 mm	5,7 mm
PB-CL-SB BIII 01	Acord	oxidante	Areia	1,8 mm	8,8 mm
PB-CL-SB BIII 02	Acord	oxidante	Areia	1,96 mm	7,25 mm
PB-CL-SB BIII 03	Acord	oxidante	Areia, Carvão	1,3 mm	7,25 mm



Figura 12: Exemplos de fragmentos de dois cortes



Figura 13: Exemplos de fragmentos do corte A VI

Figura 14: Exemplos de fragmentos do corte A VII

AS LEITURAS SEMIÓTICAS DE ALGUNS ATRIBUTOS

Para a inferência dos graus de refinamento dos artefatos cerâmicos encontrados na região do Cariri Ocidental em relação ao espaço de sua ocorrência, foram escolhidos os atributos estruturais. Essa escolha está assentada em dois aspectos: o primeiro diz respeito ao número de fragmentos encontrados até o momento nas pesquisas, que são ainda diminutos; o segundo motivo está relacionado aos aspectos técnicos destes atributos, que seriam melhor preservados que outros, conforme descrição das análises adiante.

279

Como foi mencionado, foram encontrados um total de 36 fragmentos que, em uma observação preliminar, mostram-se bastante semelhantes. Deste total, 10 fragmentos foram encontrados no sítio Pedra do Parafuso, no Município de Queimadas, 11 fragmentos no sítio Várzea Grande II, no Município de São João do Tigre, e 16 fragmentos no sítio Barra, no Município de Camalaú. Todos os fragmentos observados são de cerâmica simples, sem decoração, mas havendo casos de engobo e banhos. Como são considerados atributos estáticos, não foram considerados nas análises.

Os atributos considerados para as análises foram: a espessura dos fragmentos, a dimensão de seu maior grão de tempero e a composição deste tempero. Esses atributos foram considerados, como indicado acima, por serem aqueles que sofreriam menores influências tanto das habilidades dos artesãos quanto das condições de conservação. O primeiro procedimento foi identificar as maiores e menores medidas de espessura e dimensão, como consta da tabela 4. No tocante à espessura dos fragmentos, foram estabelecidos quatro intervalos de ocorrência, limitados pelas medidas maiores, menores e medianas dos três sítios considerados. Esses intervalos foram construídos tomando-se por base a mediana calculada no total da amostra, seguida de outra mediana calculada entre a medida menor e a primeira mediana, e mais uma mediana calculada, agora, entre a mediana primeira e

a medida maior. Assim os intervalos estariam constituídos da seguinte forma: 1º - menor medida até segunda mediana; 2º - segunda mediana até a primeira mediana; 3º - primeira mediana até terceira mediana; e 4º - da terceira mediana até a medida maior. Para o atributo dimensões, foi realizado o mesmo procedimento com as medidas da amostra. Estes intervalos estão delimitados na tabela 5.

Tabela 4
Medidas limítrofes dos atributos para cada sítio

Medidas Limítrofes das Amostras (mm)				
Índices		Sítios		
Atributo	Extremidade	Pedra do Parafuso	Várzea Grande II	Barra
Espessura	Maior	15,95	10,1	9,5
	Menor	6,55	4,9	5,1
Dimensão	Maior	6,35	7,3	4,7
	Menor	2,35	1,9	1

Tabela 5
Limites dos intervalos de espessura e de dimensão

Intervalos (mm)		
Atributo	Nº. de ordem	Limites
Espessura	1º	4,9 - 6,4
	2º	6,4 - 8,08
	3º	8,08 - 11,03
	4º	11,03 - 15,95
Dimensão	1º	1,0 - 1,92
	2º	1,92 - 2,91
	3º	2,91 - 4,54
	4º	4,54 - 7,3

Já para os antiplásticos utilizados, foi observada a ocorrência dos diferentes tipos de temperos empregados nos sítios da amostra. Através de análise de ampliação de visualização foi possível identificar os elementos que constituíam o regulador de plasticidade da argila para confecção dos vasilhames. Foi possível observar, com maior frequência o uso de areia, seguido de feldspato, carvão e hematita, em suas combinações. Assim foi possível identificar seis tipos de antiplásticos utilizados, conforme demonstra a tabela 6.

Tabela 6
Tipos de antiplástico observados nos sítios

Temperos – Tipos	Sítios (Frequência de tipos de tempero)		
	Ped. do Parafuso	Várzea Grande II	Barra
Areia (1)	10	36,36	75
Areia; Carvão (2)	0	36,36	18,75
Areia; Feldspato (3)	30	18,18	6,25
Areia; Hematita; Carvão (4)	20	9,1	0
Areia; Hematita; Feldspato (5)	30	0	0
Areia; Carvão; Hematita; Feldspato (6)	10	0	0

A Cerâmica dos Sítios Abordados

As análises de composição e estatísticas propiciaram a montagem de um quadro onde se observam alguns padrões de confecção da cerâmica. Para o atributo espessura foi constatado que as frequências dos intervalos parecem indicar que os fragmento de menor espessura são mais frequentes no sítio Barra, seguido do Várzea Grande II e os de maior espessura são do sítio Pedra do Parafuso. Esse comportamento pode ser observado na tabela 7 e 8 e no gráfico 1.

281

Tabela 7
Quantidade de fragmentos por intervalo em cada sítio

Índices		Sítios/ Quantidade			
Atributo	Intervalo	Pedra do Parafuso	Várzea Grande II	Barra	
Espessura	1º	0	3,00	9,00	
	2º	2,00	6,00	2,00	
	3º	3,00	2,00	5,00	
	4º	5,00	0,00	0,00	
	Maior			15,95	
	Menor			4,9	

Tabela 8
 Frequências de fragmentos por intervalo em cada sítio

Índices		Sítios/ Porcentagem		
Atributo	Intervalo	Pedra do Parafuso	Várzea Grande II	Barra
Espessura	1º	0,00	27,27	56,25
	2º	20,00	54,55	12,50
	3º	30,00	18,18	31,25
	4º	50,00	0,00	0,00
	Maior			15,95
	Menor			4,9

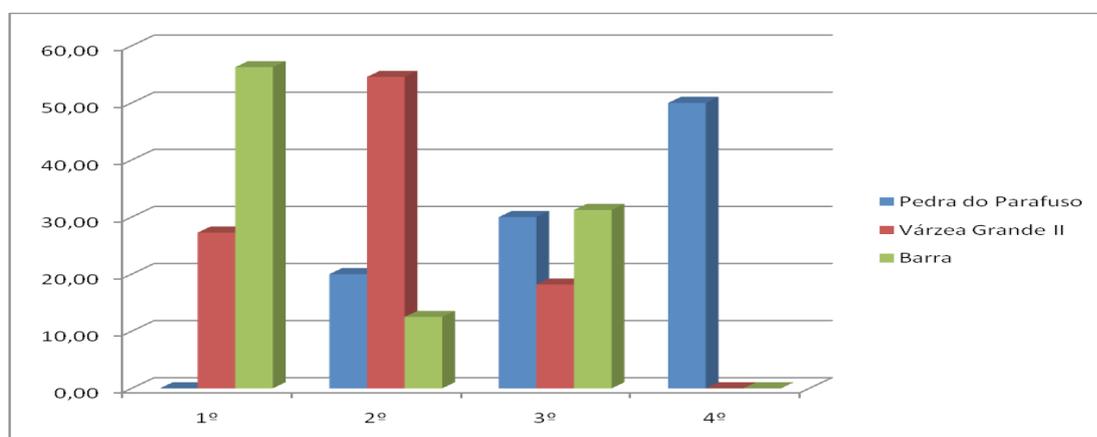


Figura 23: Gráfico de frequência de fragmentos por intervalo em cada sítio

O comportamento observado para o atributo espessura é espelhado quando se considera o atributo dimensão. Neste caso foi possível inferir que os fragmentos que possuem um antiplástico mais selecionado, em termo de volume, são aqueles encontrados no sítio Barra, seguido do sítio Várzea Grande II, sendo o de menor seletividade neste aspecto o sítio Pedra do Parafuso. Esses índices podem ser observados nas tabelas 9 e 10, bem como no gráfico 2.

Tabela 9
Quantidade de fragmentos por intervalo em cada sítio

Índices		Sítios/ Quantidade		
Atributo	Intervalo	Pedra do Parafuso	Várzea Grande II	Barra
Dimensão	1º	0,00	1,00	11,00
	2º	3,00	4,00	4,00
	3º	5,00	3,00	0,00
	4º	2,00	3,00	1,00
	Maior			7,3
	Menor			1

Tabela 10
Frequência de fragmentos por intervalo em cada sítio

Índices		Sítios/ Porcentagem		
Atributo	Intervalo	Pedra do Parafuso	Várzea Grande II	Barra
Dimensão	1º	0,00	9,10	68,75
	2º	30,00	36,36	25,00
	3º	50,00	27,27	0,00
	4º	20,00	3/27,27	6,25
	Maior			7,3
	Menor			1

283

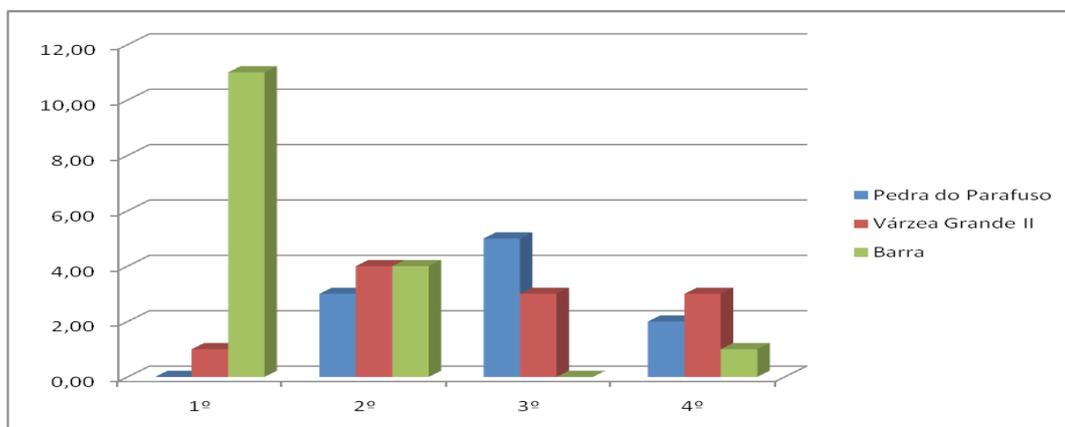


Figura 24: Gráfico de frequência de fragmentos por intervalo de cada sítio

O REFLEXO TECNOLÓGICO DA FUNÇÃO DO SÍTIO

Os dados obtidos nas análises estatísticas podem ser agrupados em única forma de representação do comportamento dos atributos considerados no momento. Nesse agrupamento, confrontam-se os dados oriundos das espessuras dos fragmentos, dimensões dos grãos de tempero e os tipos de tempero utilizados. Observa-se na sua comparação (Tabela 11) que a distribuição das frequências dos atributos apresenta um comportamento muito semelhante pelos sítios considerados. O gráfico 3 corrobora essa observação, já que as curvas obtidas em cada um dos sítios, para cada atributo particular, apresenta um comportamento semelhante.

Tabela 11
Frequências comparativas dos atributos e sítios considerados

Atributos		Sítios		
Especificidade	Tipo/Intervalo	Pedra do Parafuso	Várzea Grande II	Barra
Tempero (%)	1	10	16,67	75
	2	0	50	18,75
	3	30	16,67	6,25
	4	20	16,67	0
	5	30	0	0
	6	10	0	0
Espessura (%)	1º	0	27,27	56,25
	2º	20	54,55	12,5
	3º	30	18,18	31,25
	4º	50	0	0
Dimensão (%)	1º	0	9,1	68,75
	2º	30	36,36	25
	3º	50	27,27	6,25
	4º	20	27,27	0

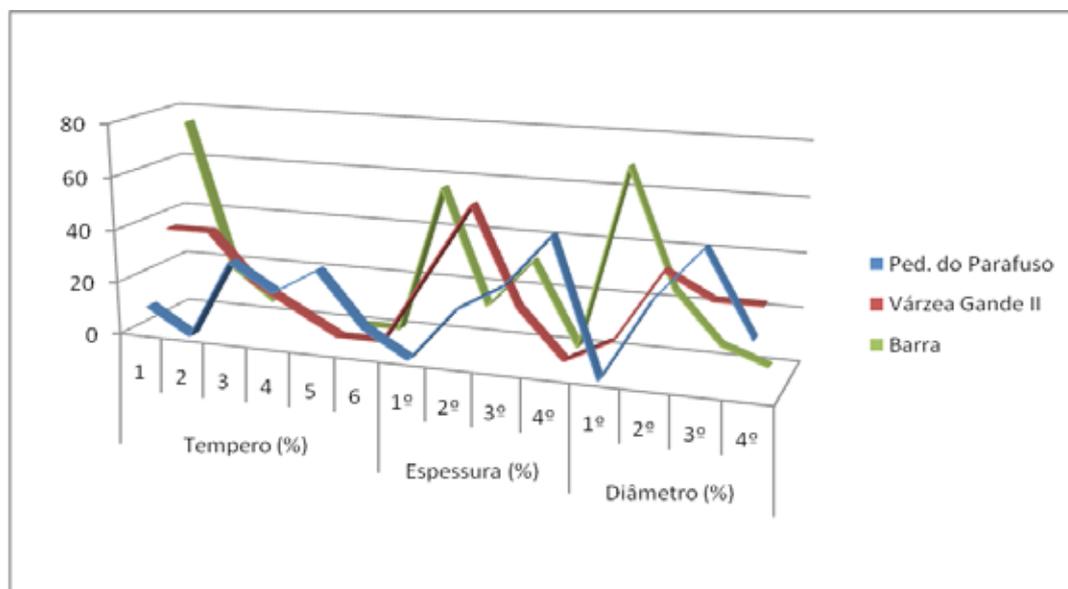


Figura 24: Gráfico de frequências comparativas dos atributos e sítios considerados

Para a comparação entres os sítios, como já foi indicado, outro atributo deve ser considerado, que é a função do espaço ocupado. Essa função é determinada pelo contexto arqueológico observado em cada sítio. Para o sítio Pedra do Parafuso, em função das evidências encontradas, pode ser considerado como um sítio de assentamento rápido, com esparsos vestígios superficiais. O sítio Várzea Grande II, que apresenta ricos painéis rupestres como vestígio preponderante, pode ser considerado como sítio ritual. Já o sítio Barra, com o qualitativamente rico acervo fúnebre, é denominado de sítio cemitério.

285

O sítio Barra apresenta 75% de seus fragmentos com tipo 1 (somente de areia), tipo 2 18,75% e 6,25% no tipo 3; para espessura, 56,25% 1º intervalo (menor), 31,25% no 2º e 12,5% para o terceiro; para a dimensão conta com 68,75 % de sua ocorrência no 1º intervalo de dimensão, 25% no 2º e 6,25% para o 3º. Para o sítio Várzea Grande II, foi encontrado o índice de 36,36% tanto para os temperos de tipo 1 (areia) quanto de tipo 2 (areia e carvão), já o tipo 3 (areia e feldspato) apresenta uma frequência de 18,18% e o tipo 4 (Areia, Carvão e Hematita) com 9,1%; para a espessura, a maior incidência está no 2º intervalo (54,55%), seguido do 1º (27,27%) e por último o 3º (18,18%); no atributo diâmetro, sua distribuição é mais regular, com 36,36% no 2º intervalo, 27,27% tanto para o 3º quanto para o 4º intervalo, com 9,1% no 1º intervalo. No sítio Pedra do Parafuso, constatou-se que quase todos os tipos considerados estão presentes com 30% para os tipos 3 e 5, 20% para o tipo 4 e 10% para os tipos 1 e 6, somente o tipo 2 não apresenta nenhuma ocorrência; já para espessura 50% estão no 4º intervalo (maior), seguido de 30% no 3º e

20% no 2º, não havendo nenhum caso no 1º intervalo; para dimensão, observa-se que o intervalo de maior frequência é o 3º, seguido do 2º com 30% e do 4º com 20%.

Com esses dados pode-se inferir que o sítio que apresenta maior índice de seletividade na confecção da cerâmica é o sítio Barra, onde tanto a espessura quanto a dimensão estão nos menores intervalos e o tempero encontrado tem sua concentração somente de areia. Esse índice é seguido pelo sítio Várzea Grande II, com maior variabilidade de atributos, em especial relacionados à espessura e dimensão. Já o sítio Pedra do Parafuso é aquele que apresenta os maiores índices de espessura e diâmetro dos fragmentos, e quanto aos tipos de tempero, há uma distribuição regular entre todos os tipos.

Assim, pode-se considerar que esses índices relacionam-se diretamente com a função que os sítios desempenham com os ritos funerários, sendo aqueles que maior atenção e cuidado tiveram pelos grupos que os executaram, seguido pelo sítio de arte rupestre e por último o sítio mais ligado às atividades cotidianas. Com isso, relaciona-se o maior cuidado na confecção da cerâmica, para essa região particular, para os sítios que tem alguma função ritual, com ênfase nos rituais funerários.

286

Agradecimentos

Ao CNPq pela concessão das bolsas de iniciação científica, para Pablo Gomes de Miranda e de produtividade de pesquisa para Carlos Xavier de Azevedo Netto e à CAPES pela bolsa de mestrado de Conrad Rodrigues Rosa.

Carlos Xavier de Azevedo Netto

Coordenador do Laboratório de Arqueologia Brasileira do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR/UFPB.

Conrad Rodrigues Rosa

Pesquisador do Laboratório de Arqueologia Brasileira do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR/UFPB.

Pablo Gomes de Miranda

Historiador

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO NETTO, Carlos X. de. 1992. O Espaço na Arte Rupestre. *Anais da VIª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: SAB/UNESA. Tomo I, p. 338-345.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. 2000. A Espacialidade como Instrumento de Interpretação Arqueológica. In: GARCIA, Camila Gianotti (Org.). *Trabajos en Arqueología del Paisaje – Paisajes Culturales Sudamericanas: das prácticas sociales a las representaciones*. Santiago de Compostela: LAFC/IIT/Universidade Santiago de Compostela. V.13 , p. 47-61.

CASSIRER, Ernest. 1977. *Antropologia filosófica*. Tradução de Vicente Félix Queiroz. 2ª. Ed. São Paulo: Mestre Jou., 379 p.

COELHO NETTO, J. Teixeira. 1989. *Semiótica, Informação e Comunicação – Coleção Debates*. São Paulo: Editora Perspectiva, nº 168.

CONSENS, Mario. 1992. Arqueologia e Ideologia. *Anais da VIª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: SAB/UNESA, tomo I, p. 10-17.

COSTA, José Jonas Duarte da. 2003. *Impactos Socioambientais das Políticas de Combate à Seca na Paraíba*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

DELEUZE, Giles & GUATARI, Felix. 1980. *Capitalism et Schizophrénie – Mille Plateaux*. Paris: Editions de Minuit.

DERRIDA, Jacques. 2001. *L'Écriture et la Différence*, Paris, Editions du Seuil.

DUNNELL, Robert C. 2007. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: EDUSP.

ECO, Umberto. 1980. *Tratado Geral de Semiótica – Coleção Estudos*. Tradução de Gilson C. C. de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, nº 37.

GEERTZ, Clifford. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Tradução de Fanny Wrolbel. Rio de Janeiro: Zahar.

HODDER, Ian. 1994. *Interpretación en Arqueología*. 2ª. ed. Barcelona: Crítica.

LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos – Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34.

LEROI-GOURHAN, Andre. 1983. *O Gesto e a Palavra 1 - Técnica e Linguagem*. Tradução de Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70.

_____. 1985. *O Gesto e a Palavra 2 - Memórias e Ritmos*. Tradução de Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70.

MARTIN, Gabriela. 1997. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 2ª. ed. Recife: Universitária/UFPE.

NORA, Pierre, 1976. O retorno do fato. In LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

OLIVEIRA, Adriana M. P. de. 2009. *Entre a Pré-História e a História: em busca de uma cultura histórica sobre os primeiros habitantes do Cariri paraibano*. João Pessoa, UFPB/PPGH (dissertação de mestrado).

OLIVEIRA, Claudia Alves; LUNA, Suely Cristina A. de; NASCIMENTO, Ana Lucia. 1991. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e propostas, in: *CLIO*, Série Arqueológica. Recife: UFPE. V. 1, nº. 7.

288 OLSEN, Bjørn. 2003. Material Culture after Text: Re-membering Things. *Norwegian Archaeological Review*. 36 (2), p. 87-104

PEIRCE, Charles S. 1977. *Semiótica – Coleção Estudos*. Tradução de J. T. Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, nº 46.

PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. 2002. A Área arqueológica de Seridó, RN – Brasil: problemas de conservação do Patrimônio Cultural. *Fundamentos II*. São Raimundo Nonato: Fundação do Homem Americano, p. 187 – 208.

PREUCCEL, Robert W. 2006. *Archaeological Semiotics*. Oxford: Blackwell Publishing.

PROUS, Andre. 1989. Exemplos de Análises Rupestres Punctuais. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte: UFMG. V. XII-XIII, p. 186-224.

WEBMOOR, Timothy. 2005. Symmetrical archaeology, pragmatism and archaeological hope. *Symmetrical Archaeology*. Stanford: Stanford University. Disponível em: <http://humanitieslab.stanford.edu/23/821>. Acessado em: 2009.

WITMORE, Christopher L. 2006. Vision, media, noise and the percolation of time: symmetrical approaches to the mediations of the material world. *Journal of the Material Culture*. London: SAGE Publications. V. 11(3), p. 267-292.